

A PASTORAL DAS ALMAS E O GOVERNO DOS HOMENS: FOUCAULT REVOLUCIONA A HISTÓRIA DA IGREJA?

The pastoral of souls and the government of men: Foucault revolutionizes history's church?

Eduardo Gusmão Quadros¹⁰⁶
eduardo.hgs@hotmail.com

Resumo: Nas buscas feitas por Michel Foucault para entender o funcionamento da biopolítica, ele acabou por adentrar no tema da história religiosa. Ela não foi incorporada como um tema de interesse em si, mas nos cursos da segunda metade da década de setenta, ele passou a abordar, cada vez mais, tais assuntos. Destacamos o curso intitulado *Segurança, Território, População*, ministrado em 1977-1978, no qual, ao estudar o modelo pastoral de governar os homens, ele traçou uma proposta clara para o estudo da história eclesiástica. É essa proposta que comentaremos neste trabalho, avaliando o caminho epistemológico que propôs e sua possível aplicação nas pesquisas atuais.

Palavras-chave: Foucault; Religião; Poder

Abstract: Among the searches by Michel Foucault about the operates of biopolitics, he entered in religious history subject. Christianity history wasn't one interest theme in his works, but in courses of the second half of seventy's, he started to approach theological subjects. Specifically in course *Security, Territory, Population*, in 1977-1978, Foucault studying the pastoral model to govern of men and he traced a framework for the study of ecclesiastical history. It's this proposal that we'll comment in this article, evaluating the epistemological ways that considered and its application in current researches.

Key-words: Foucault; Religion; Power

A fé assemelha-se à guilhotina: tão pesada quanto leve
Kafka

Começamos com uma historieta. Três árbitros de futebol estavam reunidos e, dentre outros assuntos na conversa, alguém perguntou: Quando ocorre um Pênalti? O primeiro árbitro respondeu de imediato: é quando um jogador derruba o outro dentro da

¹⁰⁶ Doutor em História pela UnB. Professor da Pós-graduação em História da PUC Goiás e da Universidade Estadual de Goiás. Artigo enviado em 06/06/2013 e aceito em 20/12/2013.

área. O segundo discordou e complementou sua resposta: não, é quando um jogador derruba outro na área e eu vejo. O terceiro árbitro, mais experiente, discordou de ambos e acrescentou: Na verdade, o Pênalti acontece quando eu apito marcando a infração.

Quem dos três está com a razão? É fácil perceber que as três respostas ilustram posições epistemológicas distintas, ilustrando um gradiente que vai do *dado*, ou o fato, até a ideia de que o sujeito constrói a realidade através de sua interpretação, de suas *práticas discursivas*. E do ponto de vista foucaultiano, quem estaria correto? Um amigo e admirador de sua obra como Paul Veyne afirmou de maneira elogiosa que Michel Foucault realizava, finalmente, o completo positivismo histórico (1982, p.151 e 179). Já Pierre Villar, diretor da Escola de Altos Estudos de Paris, escreveu que os estudos foucaultianos, do ponto de vista da História, eram verdadeiros "delírios" (1988, p.162).

Talvez Foucault tenha cometido diversas infrações: no método, nas suas análises conceituais, nas fontes históricas que utilizou e em seu modo particular de lê-las. Aliás, nem historiador profissional ele era, mesmo tendo dedicado toda sua carreira de pesquisador aos estudos de história. A polêmica acompanhou sua vida e, parece, ele gostava desse papel de provocador, para depois curtir com sua famosa gargalhada (cf. CERTEAU, 2011).

Dentre as provocações lançadas por ele, encontramos algumas em relação à história eclesiástica. A princípio, esse era um tema distante de suas preocupações, mas especialmente no fim da década de setenta, ele passou a retomar cada vez mais assuntos correlacionados à história da teologia e à história da igreja cristã. Neste artigo, queremos comentar alguns das ideias que ele colocou em relação a essa temática, focando no momento em que ele propôs explicitamente um projeto para sua renovação: referimo-nos ao curso dado no início de 1978 intitulado *Segurança, Território, População* (FOUCAULT, 2008). Antes, porém, precisamos compreender quais eram seus interesses e como ele chegou a tal problemática.

Um novo Foucault?

Michel Foucault foi um desses pensadores extramente criativos e críticos de sua própria obra. Ele foi capaz de se renovar durante a carreira acadêmica, seja nos objetos que investigava, seja nos conceitos que criava, seja nos métodos originais de análise que

desenvolvia. Isso contribuiu para muitas incompreensões acerca de suas propostas e para intenso debate que gerava o lançamento de cada livro seu.

No campo da história, um exemplo interessante dos diversos modos de recepção das obras foucaultianas é encontrado em François Dosse. Ele dedica-se a estudar a historiografia francesa e as transformações epistemológicas nas Ciências Humanas há algumas décadas. Suas ideias acerca de Michel Foucault mudaram bastante.

No início, Foucault estava entre seus *inimigos* e era um dos produtores da *história em migalhas* (DOSSE, 1992). Sua obra seria a apoteose da crise da história total, inteligível, complexa e humana. O filósofo francês, na verdade, faz em seus livros uma grande "des-historicização", ignorando tanto as verdadeiras relações de causalidade quanto "o motor" dos processos de transformação histórica. Ele está mais para um "ideólogo" que um historiador (1992, p.184).¹⁰⁷

Na década de oitenta, essa apreciação extremamente negativa não proveio somente dos historiadores, é verdade. O famoso filósofo e cientista social Jurgen Habermas toma a mesma linha de crítica, acusando as ideias foucaultianas de caírem no irracionalismo reacionário, de difundirem um relativismo acrítico e de suas obras promoverem um grande "historicismo transcendental" conservador. No fundo, sua intenção seria "a destruição das ciências históricas"! (1990, p.239).

Nem sempre essa pecha foi atribuída. Hoje parece estranho como um Philippe Ariès tenha admirado a *História da Loucura* (FOUCAULT, 1987), e recomendado sua publicação, em 1961, a uma grande editora francesa. Outrossim, o consagrado professor Robert Mandrou viu neste livro um estudo histórico eivado de intuições teórico-metodológicas interessantes, fazendo uma resenha elogiosa na prestigiosa revista *Annales* (MANDROU, 1962). Nesta primeira fase de suas pesquisas, Foucault trabalhava em um diálogo intenso com história do pensamento médico, da psiquiatria e da psicologia, mas o livro também aponta para os mecanismos excludentes da razão ocidental, já apontando para uma perspectiva que permanecerá em outras obras suas: ver o lado obscuro do progresso tecno-científico iluminista.¹⁰⁸

¹⁰⁷ Didier Eribon narra com detalhes o dia em que Habermas fez essas conferências no Colege de France, hoje parte do livro *O discurso filosófico da modernidade* (HABERMAS, 1990), e as reações irônicas de Foucault no jantar que se seguiu ao evento (ERIBON, 1996, p.170).

¹⁰⁸ Isso é feito especialmente na terceira parte da obra, onde são analisadas as teorias acerca da doença mental e as práticas de reclusão a ela aplicadas nos séculos XVIII e XIX. A loucura seria a contra parte do progresso da civilização (1987, p.371) e sob este termo ficariam os "restos" deste processo.

François Dosse reanalisou as obras de Michel Foucault quando escreveu a *História do estruturalismo*. Sim, os títulos dos dois capítulos dedicados a ele contêm a expressão "desconstrução da História (2007, p.291-318), contudo a abordagem é bem mais compreensiva e o último ponto do segundo capítulo é a pergunta: "Foucault, historiador?". Ele não responde de modo direto, mas comenta como os estudos foucaultianos inspiraram diversas pesquisas sérias de história social, destacando seu impacto, especialmente, sobre Michele Perrot (1988) e Arlette Farge, com quem o filósofo escrevera um livro (FARGE, A. e FOUCAULT, M. 1982).

A aproximação dos historiadores teria se dado depois da publicação da *Arqueologia do Saber*, em 1969. Nessa obra, realmente, Michel Foucault começa dialogando com a historiografia francesa, em especial, com o grupo ligado aos *Annales*. Além disso, propõe a construção de uma história geral que articularia séries distintas de ideias, faria correlações entre elas e buscaria as relações de dominação dentro de um dado período histórico (1987, p.9). No prefácio ao livro, está ainda a metáfora do documento histórico enquanto monumento, que posteriormente faria fortuna com Le Goff (1994).

Esta é uma obra de transição, escrita pelo filósofo francês para explicitar o método utilizado na obra *As Palavras e as Coisas* (FOUCAULT, 1992) e para responder a críticas que ela recebeu. Em certo sentido, este último livro, que lançado em 1966 obteve grande impacto e boa vendagem, encerra uma série de investigações acerca da história do pensamento científico, com influencia marcante das abordagens de Bachelard e de Canguilhem. Com enorme erudição, Michel Foucault traçava um quadro histórico não das teorias em si, ou dos cientistas, mas das condições do ver, do pensar e do dizer, aquilo que ele denominou de *epistemes*¹⁰⁹. Por fim, conclui tratando do nascimento das Ciências Humanas e faz assertivas polêmicas como: "antes do fim do século XVIII, o homem não existia" (1992, p.324).

Na *Arqueologia do Saber*, ele retoma o sentido da episteme como aquilo que está no fundamento (*arché*) dos discursos (*logia*), não apenas científicos. Portanto, o campo de investigação é ampliado para os saberes como um todo, para a análise

¹⁰⁹ Apesar de alguns acharem Foucault impreciso e confuso, a nosso ver ele preocupa-se em definir seus conceitos. *Episteme*, ele define logo no início da obra sendo "os códigos fundamentais de uma cultura - aquelas que regem uma linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas - e fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais há de se encontrar" (1992, p.10).

histórica das *práticas discursivas* e seus efeitos. O tema do poder, ali, dá os primeiros sinais de seu nascimento, logo completado pelo importante artigo sobre *Nietzsche, a Genealogia e a História*, editado em 1971 (In: FOUCAULT, 1995).

Esta é a segunda fase das investigações foucaultianas, onde o pólo saber/verdade é articulado - e não substituído, enfatizamos - com o pólo poder/corpo. Na sua proposta de uma *arqueologia*, o nível acontecimental já era considerado fulcral e no início dos anos setenta isso se encaixa na questão do corpo, pois além dele ser fundamental em todos os processos históricos, é "sobre o corpo que se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem o desejo..." (1995, p.22).

Com esta plataforma, Foucault escreveu *Vigiar e Punir* (1995) e o primeiro volume da *História da Sexualidade* (1999), publicados em 1975 e em 1976, respectivamente. Esta é a fase de sua consagração internacional e desse momento são suas ideias mais difundidas até hoje. A aproximação com a história é plena e o autor publica, inclusive, fontes históricas do século XIX como o *Panopticum* de Bentham e o dossiê *Eu, Pierre Riviere...* (FOUCAULT, 1977).

Na reavaliação mais recente feita por François Dosse do pensamento foucaultiano, a ênfase na analítica do poder é considerada positiva para a ampliação das pesquisas históricas e gerou novas perspectivas,

Mas a noção de poder em Foucault dilui a dimensão política, dispersando-a ad infinitum. Ele deixa de ser atribuível a uma classe que o detenha. Circula, a partir de uma rede entre os indivíduos; funciona em cadeias; transita em cada um antes de se agregar num todo. Se não existe lugar nodal do poder, não pode existir resistência a esse poder. Onipotente, ele não pode mudar, ele está em cada um, tudo é poder, em todo lugar; logo, ele não está em lugar nenhum. A resistência a seu exercício, portanto, deixa de ter objeto (DOSSE, 2001, p.223-4)

Essa crítica pode ser feita mirando a utopia do *Panopticum*, todavia tanto nos cursos dados na época quanto na *História da Sexualidade*, ele proclama em alto e bom som que "onde há poder, há resistência" (FOUCAULT, 1988, p.91). Claro está que essa resistência ocorre também no poder e através do poder.

Após o grande sucesso dessas últimas obras, de modo estranho, o filósofo francês parou de escrever livros. Continua viajando bastante, dando entrevistas, militando nas causas que acreditava, mas só irá publicar a continuação de sua *História*

da *Sexualidade* seis anos depois do primeiro volume. Diz Gilles Deleuze, amigo e parceiro nos estudos nietzschianos, que Foucault andou desmotivado, meio depressivo e desgostoso até com a recepção de suas ideias (1988, p.101). Na interpretação de Dosse, ele estava revendo seus parâmetros e acabou retomando caminhos antes abandonados, como o interesse pelo sujeito e pela hermenêutica (2001, p.229).

Nesta última fase das investigações foucaultianas, já com a doença que o levou à morte, ele publicou os dois pequenos volumes da *História da Sexualidade* (FOUCAULT, 1984 e 1985), que permanecerá inacabada. A religião cristã é uma referencia fundamental nessas obras. Isso porque ele retorna à época da Grécia clássica e ao Império Romano na tentativa de entender a constituição do si mesmo, da consciência, de identificar o trabalho da verdade na formação da subjetividade.

Conforme François Dosse, esse *novo Foucault* se aproximaria da visão holística de história defendida por Paul Ricouer, onde se

...leva em conta a dupla polaridade da prática historiadora presa entre o estudo das condições do pensável e o próprio conteúdo desse pensável, entre o explicar e o compreender, entre a subjetividade e a objetividade, entre a narratividade e seu referente, entre uma arqueologia do saber a uma teleologia histórica, entre uma idiografia e uma nomotética (DOSSE, 2001, p.71-72).

Sem adentrar no mérito desta comparação, seguimos as reinterpretações feitas por Dosse para traçarmos as aventuras deste filósofo de formação com a história e com o campo historiográfico. A obra que tomaremos para análise, onde descobrimos sua proposta de uma história da igreja, está localizada nesse período crítico, de silêncio e mudança. Não se trata, assim, de um dos livros publicados, mas das aulas preparadas por Foucault para seus cursos no *Collège de France*, cotejadas com as gravações feitas e publicadas postumamente. A nosso ver, não seria propriamente um novo Foucault ministrando tais aulas; preferimos a perspectiva de alguém que está buscando aperfeiçoar seus conceitos e aplicá-los a novos campos de investigação.

A direção das almas

A crítica feita por François Dosse à dispersão da noção de poder em Foucault foi relativamente comum após a publicação de *Vigiar e Punir*. Independente desta

avaliação estar correta, nos cursos dados nos anos que se seguiram, Michel Foucault tomou intensamente a questão da política e do Estado em seus estudos. Suas análises desenvolveram-se já durante 1976, no curso intitulado *Em defesa da Sociedade* (FOUCAULT, 2005), seguiram-se no ano seguinte com *Segurança, Território e População* (FOUCAULT, 2008), continuaram no *Nascimento da Biopolítica* (FOUCAULT, 2009) e podem ser seguidas até *O Governo de Si e dos Outros* (FOUCAULT, 2010), ministrado no início de 1983.

Esses cursos são interessantes e ricos especialmente por causa da maneira mais livre de falar. Ali, Foucault arrisca hipóteses, lança intuições não comprovadas e as aulas assemelham-se ao estilo dos ensaios. Claro que elas são preparadas cuidadosamente, o que pode ser observado tanto nos princípios metodológicos elaborados quanto na erudição demonstrada. Vejamos, então, como ele chegou à história eclesiástica.¹¹⁰

Nas aulas dadas no início de 1976, a questão da soberania estatal é fulcral. Ela é considerada a partir de certa inspiração nas obras clássicas de Clausewitz (1996) sobre a guerra e no *Leviatã*, lido de modo invertido certamente, de Thomas Hobbes (2001). A metáfora da guerra contínua, ou da luta de classes, contribuiu para a emergência do Estado moderno, que tomou para si a missão de assegurar uma convivência social tolerável. O discurso histórico, por sinal, foi o primeiro a atribuir essa função "gloriosa" ao governo (FOUCAULT, 2005, p.76 seq), logo seguido pelo jurídico. Ao final destas aulas, surgem os dois problemas que serão aprofundados nos anos seguintes: o nascimento da biopolítica e o controle sobre a população (2005, p.292).

Este último tema foi assumido no curso do período seguinte, possivelmente porque em termos cronológicos ficaria mais coerente. Durante os anos de 1977-78 fora formulada a importante questão da *governamentabilidade*, que assumirá posição central

¹¹⁰ A proposta de Foucault se aproxima da história da igreja, não do cristianismo, que envolveria outras questões e temas. Ele afirma que já foi feita "a história das instituições eclesiásticas. Fez-se a história das doutrinas, das crenças, das representações religiosas. Fez-se também a história, procurou-se fazer a história das práticas religiosas reais, a saber: como e quando as pessoas se confessavam, comungavam, etc. Mas a história das técnicas empregadas, a história das reflexões sobre essas técnicas pastorais, a história do seu desenvolvimento, de sua aplicação, a história do seu aperfeiçoamento sucessivo, a história dos diferentes tipos de análise e de saber ligados ao exercício do pastorado, parece-me que isso nunca foi realmente feito" (2008, p.199). Note-se que a teologia cristã aparece em várias de suas obras, destacando-se amplos trechos dos dois volumes finais da *Historia da Sexualidade* (FOUCAULT, 1984 e 1985). Essa abordagem mais ampla não tentaremos fazer, destacando neste artigo apenas sua proposta de uma *Historia Eclesiástica*.

em suas análises posteriores. O tópico clássico da teoria política acerca da soberania é, destarte, deslocada cada vez mais para a do governo, para o controle e a disciplina populacional (FOUCAULT, 2008, p.99). Coforme o filósofo francês, a governamentalidade seria:

... o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2008, p.143).

Se, como ele afirma, o tema é complexo, a definição dada também o é. Ela envolve muitos elementos e sua caracterização continua referindo-se aos aparelhos de poder elaborados que instrumentalizam o governo, bem como o processo da incorporação pelo Estado dos mecanismos governamentais (2008, p.143). Como se vê, para ele, o governo é algo diferente do Estado e esta instituição foi tornando-se central no processo histórico da modernidade ocidental. Outro aspecto destacado, é o controle da economia como grande tarefa do poder político soberano. Esse campo de reflexão, e sua ação privilegiada na vida urbana, desenvolve-se a partir do mercantilismo absolutista, ganhando cada vez mais importância e autonomia desde então. Há, ainda, os dispositivos de segurança que visam a formação de uma população que habita e circula pacificamente em dado espaço, ou território, para ser mais correto em termos de vocabulário.

Os modos de proceder e essa maneira de "calcular" visando governar as pessoas não são tão recentes, sendo preciso recuar para o período anterior ao surgimento do Estado moderno. Foucault já havia abordado neste curso o surgimento das "Artes de governar", um tipo de literatura que se multiplica desde o século XVI (2008, p.118). Ali ele percebeu a relação intrínseca que havia entre o governo de si, o dos grupos sociais e a busca da salvação. Afinal, a finalidade primeira de um governo é o "bem comum e a salvação de todos" (2008, p.130).

No ocidente, a política estatal coligou-se com a soterologia. Tal relação entre a salvação das almas e a administração dos corpos fora instituída no nascente cristianismo e não haveria como fugir do tema. Verdade que Michel Foucault passa cerca de um mês, pedindo muitas vezes desculpas por ter se alongado, tratando das questões

teológicas. Outro aspecto é que não trata da teologia em si, não é isso que lhe interessa, mas aquilo que podemos chamar, recorrendo ao conceito de Schmitt (2006), de campo teológico-político.¹¹¹

Torna-se importante compreender o surgimento e a possível permanência do *modelo pastoral* de governo. Isso não é exatamente uma metáfora, mas um modo de exercer o poder que fora projetado, basicamente, pelo cristianismo na história ocidental.¹¹² Claro que retornando à época do Antigo Testamento, encontramos esse modelo já na relação soberana de Deus com a humanidade ou com o povo judeu, para ser mais específico. Temos nessa forma de relacionamento a primeira característica deste poder pastoral: ele não é localizável, está sempre em movimento, acompanha as pessoas governadas.

A segunda característica também pode ser deduzida da atuação divina, pois trata-se de um poder bondoso e que somente poderia fazer o bem (FOUCAULT, 2008, p. 169). Em outras tradições religiosas tal exclusividade de “caráter” não é tão enfatizada, costumando ser a atuação das divindades bem mais ambígua ou tal crença surgir mesclada com outros elementos.

Aqui a imagem do cristianismo antigo de Jesus como o “bom pastor” ganha toda sua força.¹¹³ Ele é aquele que cuida, que dá a “vida por suas ovelhas” (João 10:11). Tal atitude de renúncia, terceiro aspecto do poder pastoral, está interligada à posição de quem governa, gerando consequências graves:

O pastor está a serviço do rebanho, deve servir de intermediário entre ele e os pastos, a alimentação, a salvação, o que implica que o poder pastoral, em si, é sempre um bem. Todas as dimensões de terror e de força ou de violência temível, todos esses poderes inquietantes que fazem os homens tremer diante dos poderes dos reis e dos deuses, pois bem, tudo isso se apaga quando se trata do pastor... (FOUCAULT, 2008, p.172).

Tal posição de intermediária será fundamental para a criação da instituição eclesial. Ela (re)liga, conforme a eclesiologia dos primeiros séculos da era cristã, as

¹¹¹ Curioso que Foucault não tenha citado ou discutido as pertinentes teorias de Carl Schmitt, o que seria bastante interessante. Não sabemos o motivo disso e Giorgio Agamben (2012) parece ficar igualmente admirado com essa ausência.

¹¹² Ao ressaltar o papel específico da religião cristã, ele faz uma ressalva com o pensamento grego e com a política pensada conforme Platão, por exemplo. Mas reafirma que foi com a fé cristã que esse modelo pastoral emergiu e se tornou fundamental na construção da governabilidade (2008, p.166)

¹¹³ Ressaltamos que a gravura de Jesus como pastor é a mais antiga que se conhece, aparecendo já nas catacumbas romanas do terceiro século.

dimensões sobrenatural e natural, simbolizada pelo poder das duas chaves (ainda hoje presentes na bandeira do Vaticano). Mas para Foucault, a ênfase principal está no aspecto individualizante desta comunhão. A quarta característica do modelo pastoral de poder está no cuidado pessoal, onde cada um encontra um guia e uma direção, que é, simultaneamente, a de todos.

Nota-se a diferença para um poder soberano, ou o exercido pelos antigos impérios, onde a questão territorial era a principal. O direito de cobrar impostos das pessoas era comum, mas não se exigia o tipo de fidelidade exigida pela igreja. Essa *tecnologia*¹¹⁴ de controle, de incorporação, de direção, é muito especial, tratando-se de uma novidade trazida e expandida pelo ocidente através do cristianismo. Antes dele, nenhuma religião tinha tido a pretensão de governar o mundo.

Procurando salvação

Depois de caracterizar o modelo pastoral de exercício do poder e de ter demonstrado sua interdependência com a concepção teológica cristã, Foucault alerta que o poder eclesiástico relativamente distinto do poder político (2008, p.203). Claro, existiram interferências, confluências, trocas entre os dois poderes, mas, igualmente, diversos confrontos. Muitas vezes na história, foi registrada a luta de um contra o outro, o que aponta para a existência de tal autonomia. Em suma, defende o filósofo francês que:

... em sua forma, em seu tipo de funcionamento, em sua tecnologia interna, o poder pastoral vai permanecer absolutamente específico e diferente do poder político, pelo menos até o século XVIII. Ele não funciona da mesma maneira, e ainda que sejam os mesmos personagens a exercer o poder pastoral e o poder político, e Deus sabe que isso se fez no ocidente cristão, ainda que a Igreja e o Estado, a Igreja e o poder político tivessem todas as formas de aliança que se possa imaginar, creio que essa especificidade foi um traço absolutamente característico do Ocidente cristão. (2008, p.205).

¹¹⁴ Como lembra Foucault, o termo foi introduzido por Gregório Nazianzo, teólogo do século IV, que definiu “essa arte de governar os homens pelo pastorado como *tekne tekhnon, episteme epistemon*, a arte das artes, ciências das ciências” (FOUCAULT, 2008, p.200). Agamben (2012, p.126) comentou a relevância do termo, e igualmente da análise foucaultiana, demonstrando como aquele termo influenciou na concepção econômico-política ocidental.

Perceber tal particularidade permanece um desafio para os estudiosos da história. Cremos que a herança da fenomenologia, corrente filosófica em que o jovem Foucault iniciara seus estudos, falou mais alto aqui. E essa ênfase no específico do religioso, retomada na conclusão de sua análise do poder pastoral, será radicalizada ao ponto dele afirmar ser esse um *campo de inteligibilidade* do social. As teorias da ideologia, ou do “reflexo” das aspirações de uma classe, deveriam ser completamente abandonadas pelos estudiosos (2008, p.284).

Por isso, ele retoma no curso diversos momentos da história eclesiástica buscando demonstrar como as práticas instituídas em torno da conduta correta e da salvação dos fiéis possuem uma lógica própria. Ao mesmo tempo, descreve as rebeliões contra tais concepções e práticas, colocando, por exemplo, a Reforma Protestante como uma das maiores insurreições gerais da história (2008, p.305). Ora, se o poder pastoral é específico, essas revoltas igualmente tinham objetivos religiosos importantes, mesmo que outros interesses políticos e sociais os acompanhassem. O tema da salvação era, sim, fundamental para as pessoas da época.

O poder pastoral instituía uma obediência geral das pessoas, colocando-as numa relação contínua com a “economia dos méritos”, a ser julgada por Deus, para atingir a salvação eterna (2008, p.241). Não era exatamente o padre que julgava os pecados, nem o juiz os crimes, nem o rei as traições; a economia salvífica fez circular sobre todos um regime de obrigações mútuas, bem como um compromisso com a verdade exigido pela própria divindade sustentadora e mantenedora da vida. Além de promover a interdependência entre os membros de uma sociedade – uma ordem social sacra que fora simbolizada pelo corpo de Cristo – cria-se o que seria para Foucault a “constituição típica do sujeito ocidental moderno”: o sujeito sujeitado (2008, p. 244).

O poder pastoral, assim, é o prenúncio da governamentabilidade, quando o súdito vira cidadão. Foucault não acha que o modelo pastoral deixe de existir, mas outra forma de exercício emerge na época moderna¹¹⁵. Claro que um poder multidimensional como este não poderia ser colocado em prática sem levantar resistências. O pensador francês sugere chamá-las de movimentos de *contraconduta*, (assemelhando-se à ideia de contracultura dos anos sessenta do século anterior).

¹¹⁵ Ressalte-se que não ocorreu exatamente a substituição de um modelo de poder por outro, mas os dois permanecem, ainda, atuantes: “O pastorado ainda não passou pelo processo de revolução profunda que o tenha aposentado definitivamente da história” (FOUCAULT, 2008, p.199).

A resistência ao pastorado surge por vias diversas, acompanhando *sempre* a história das instituições eclesiais. Michel Foucault mapeia estes caminhos, esperançoso de que despertem a curiosidade de seus ouvintes e o desenvolvimento de novas pesquisas (2008, p.261). A contraconduta surgiu através de cinco modos privilegiados:

1 – Os movimentos ascéticos – Pode parecer estranho começar com um movimento tão interligado à história da igreja cristã, mas desde os movimentos do deserto, do eremitismo, dos monges e *santos* que se isolavam para atingir uma vida mais espiritual, essa crítica radical é mantida a todo custo. O ascetismo trás uma disciplina própria, um desafio à sociedade que o cerca e às instituições que buscam monopolizar o acesso ao sagrado. Ou seja, propõem uma economia da salvação e da verdade distintas da hegemônica em dado período.

É curioso que Foucault não aborde as tentativas institucionais de incorporar esses movimentos, a tradicional *rotinização do carisma*, nos termos weberianos, muito abordada na historiografia. Ele ressalta muito mais a oposição, afirmando que “as duas estruturas, a da obediência e a do ascetismo, são profundamente diferentes” (2008, p.273). Essa espiritualidade distinta foi a motivação básica de movimentos antipastorais oriundos da busca da pureza, do *espírito original* do cristianismo. Ainda ressaltando a divergência do ascetismo em relação à instituição eclesial, ele conclui de maneira categórica: “o cristianismo não é uma religião ascética” (2008, p.274). A pastoral, portanto, combateu de forma perene os ascetismos, que acabam ressaltando a possibilidade de a santidade de maneira individual.

2 – Os movimentos comunitários – O ascetismo tende para o individual, mas houve movimentos comunitários que, buscando a santidade, questionaram o poder sacral das hierarquias governativas. Foucault não utiliza o conceito, porém a ideia que esse tópico transmite é que seria o comportamento básico das seitas, conforme a descrição na obra de Weber (1999) ou de Troeltsch (1992). Teria ele conhecido as Comunidades de Base quando esteve no Brasil e guardou o termo?¹¹⁶ Difícil saber, pois

¹¹⁶ Ele esteve no Brasil em 1976, dando conferências em algumas universidades. Encontrou-se, inclusive, com Michel de Certeau, que estava com os jesuítas em Belo Horizonte. Cf. (CERTEAU, 2011). As

os exemplos históricos que fornece são da época medieval. A questão básica está na separação do poder dos clérigos e dos leigos, ou, em termos mais precisos, dos eleitos e dos não eleitos por Deus. Obviamente, nessas comunidades a tendência ao igualitarismo é forte, rompendo com o modelo de obediência proposto institucionalmente. Não é a toa que muitos desses grupos acabaram condenados como hereges.

3 – Os movimentos místicos – O caminho da mística contorna a instituição como intermediária do divino, já que Deus fala diretamente à alma. Com isso, os dogmas, o ensino, as práticas litúrgicas, as autoridades ficam relativizados. Até a lógica tradicional e a racionalidade são contraditas pela linguagem dos místicos, quando a ignorância torna-se sabedoria e vice-versa (2008, p.281). Então, o sistema pastoral de direção das almas deixa de ter efeito.

4 – A leitura da Escritura Sagrada – Óbvio que o clero lê as Escrituras e prega acerca delas. Mas o que é ressaltado por Foucault é a busca de acesso direto aos textos sagrados e conseqüente interpretação divergente. Essa ênfase no acesso aos textos, na tradução para a língua vulgar, ou a tentativa eclesiástica de não traduzi-la por tantos séculos, demonstram a resistência contra o governo pastoral que este contato gerou.

5 - A crença escatológica – Esse é um dos pontos mais interessantes da análise foucaultiana acerca das contracondutas, mesmo tendo ficado para o final da aula e, por isso, o tópico fora abordado de forma mais rápida. Cristo não voltou logo, como havia prometido aos apóstolos. Conseqüentemente, foi desse “atraso” que surgiram a igreja como instituição e o governo pastoral dos homens. A dimensão da salvação futura é recolocada aqui não enquanto uma simples tentativa de manipulação do comportamento das pessoas, pois a instauração do Reino seria eminentemente anti-eclesiástica. Os movimentos milenaristas e messiânicos são a grande prova disso. Daí o esforço constante das práticas pastorais para atenuar essa esperança, deixando-a em um nível tranquilizante, equilibrado ou governável.

comunidades de base, neste período, tinham uma visão de protesto social bem demarcada e defendiam uma postura bastante crítica em relação à pastoral tradicional da igreja.

Por que ele foi tão minucioso em suas análises, mesmo pedindo desculpas constantes a seu auditório? Os elementos que colocou enquanto vias da contraconduta são traços fronteiraços, trazem em si certa ambiguidade, pois estão na mensagem e nas práticas cristãs. Assim, requerem cuidado no enfoque, sem cair em polos extremados ou nas generalizações tão comuns. A utilização e os efeitos de cada elemento dependem dos sujeitos, das *táticas* que empregam, ênfase que Foucault parece ir retomando em seus cursos já nesse período. Contudo, cremos que ele tentou fazer algo mais e, de certo modo, redefinir o que compreendemos por cristianismo. Foucault conclui afirmando que "o cristianismo na sua organização pastoral real não é uma religião ascética, não é uma religião de comunidade, não é uma religião da mística, não é uma religião da escritura e, claro, não é uma religião da escatologia" (2008, p.283).

Esses elementos, em conjunto, são retomados estrategicamente pelas instituições eclesiais, católicas e protestantes, para compor o poder pastoral. Com eles, constituem um princípio de governamentalidade que foi, após o século XVI, lentamente incorporado pelo Estado. Foucault insiste que a consideração do poder pastoral é fundamental na compreensão do processo de urbanização, das transformações rurais, do trabalho assalariado, da alfabetização, da economia mercantil. A pastoral é redistribuída, requalificada e difundida por todos esses campos que compõem a vida moderna (2008, p.285).

Considerações finais

No verbete sobre religião do vocabulário foucaultiano, Edgardo Castro escreveu que "apesar de que nenhuma das obras de Foucault esteja concentrada no tema da religião, ela ocupa um lugar certamente importante nas análises históricas de FOUCAULT" (2009, p.381). Neste artigo, buscamos demonstrar um período de seus cursos onde a temática foi incorporada intensivamente. Haveria outros trechos de suas obras ou partes de outros cursos onde, claro, ele tratou da igreja, da disciplina religiosa e, especialmente, da espiritualidade cristã (v.g. FOUCAULT, 1992 e 2009). Mas este curso de 1977-78 nos pareceu relevante porque, além das diversas aulas tratando da temática, o pensador francês atravessava um momento de revisão de seus próprios princípios e categorias.

Poderíamos dizer, inspirados em Paul Veyne (1982), que Foucault revoluciona também a história da igreja? Nosso objetivo não é propor exatamente uma “revolução”, nem cremos que o filósofo tivesse tal intenção. Entretanto, seu modo de demonstrar a importância da história eclesial, do pensamento teológico e das práticas devocionais nas transformações históricas ocidentais deve ser levado em consideração.

Destaque-se o enfoque institucional que forneceu, observando de forma acurada a engrenagem eclesial, sem desprezar o movimento interno e externo das resistências. Como Foucault mesmo afirma na última aula deste curso, "não há entre o nível do micropoder e o nível do macropoder algo como um corte, ao fato de que quando se fala de um não se exclui falar do outro" (2008, p.481).

Resta-nos, ainda, o desafio de analisar a governamentalidade democrática e o funcionamento da economia capitalista a partir da presença, que consideramos bem evidente, do exercício do poder na modalidade pastoral. Não há, realmente, como pensar a história desprezando o *peso* da fé carregado sobre nossas cabeças. Essa lição, com certeza, nos deixa Michel Foucault.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo*. São Paulo: Boitempo, 2012.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel de. *O riso de Michel Foucault*. In: CERTEAU, M. *História e Psicanálise*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2011.

CLAUSEWITZ, Karl. *Da guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DOSSE, François. *História em Migalhas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FARGE, A. e FOUCAULT, M. *Le désordre des familles*. Paris: Gallimard, 1982.

FOUCAULT, Michel. *Eu, Pierre Rivière....* Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel de. *Historia da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Hermeneutica del sujeto*. Madrid: Ediciones de La Piqueta, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FOUCAULT, Michel. *O Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HABERMAS, Jurgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HOBBS, Thomas. *O leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

KAFKA, F. *A grande muralha e outros contos*. Lisboa: Nova Editora, s/d.

LE GOFF, Jacques. *Documento-monumento*. In: *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

MANDROU, Robert. *Trois clés pour comprendre l'histoire de la folie à époque classique*. Annales, num.4, jul-aût 1962.

PERROT, Michele. *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCHMITT, Carl. *Teologia política*. Belo Horizonte, MG: Del Rey, 2006.

TROELTSCH, Ernst. *The social teaching of the Christian Churches*. Louisville, USA: John Knox Press, 1992.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a História*. Brasília: Editora da UnB, 1982.

VILLAR, Pierre. *História marxista, história em construção*. In: LE GOFF, J. e NORA, P. (ed.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

WEBER, Max. *Sociologia de la religión*. Caracas: Istmo Editorial, 1999.